

## UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

Aldiciane Pazinato<sup>1</sup>

Universidade de Passo Fundo

Agência Financiadora: não contou com financiamento

**Resumo:** O presente estudo busca refletir sobre a expansão da Educação Superior, suas consequências para o ensino e a necessidade da formação pedagógica docente. O objetivo do texto é discutir a qualidade da formação pedagógica de docentes universitários que atuam em um cenário de crise da Educação Superior, da universidade. É imprescindível considerar o aumento do número de instituições de Ensino Superior, o acesso democratizado, o elevado crescimento das vagas, a ampliação da demanda por professores, o surgimento do fenômeno “improvisação docente”, a busca por inovação das metodologias de ensino, a urgência de reconstruir a percepção sobre o papel do professor frente a este cenário e a necessidade de propor a formação continuada como alternativa para dar conta dos imensos desafios do atual contexto educacional. O texto é o resultado parcial das discussões realizadas no Grupo de Pesquisa “Improvisação Docente no cenário da Expansão da Educação Superior: o problema da identidade do professor”, desenvolvido junto ao Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UPF. Constata-se que é essencial tornar a própria prática pedagógica objeto de estudo, investigação e pesquisa, com o intuito de diagnosticar, compreender e ressignificá-la. A formação pedagógica do docente universitário caracteriza a prática reflexiva com o objetivo de melhorar a qualidade, buscando alternativas para acertar e reconstruindo certezas, oportunizando a aprendizagem em conjunto entre docente e discente, neste processo recíproco ambos aprendem e refletem a respeito de suas ações.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Expansão. Formação docente.

### Introdução

A educação superior brasileira é alvo de várias discussões e debates acerca de seu efetivo ensino, acesso e qualidade. A universidade encontra-se em situação de fragilidade, pois há milhares de anos possuiu o “título” de “produtora do conhecimento em sua essência” e, após acontecimentos, transformações e mudanças na sociedade, entra em crise esta instituição que

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo; Graduada em Pedagogia: habilitação: Magistério da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela ULBRA; Pós-Graduada em Pedagogia Gestora: ênfase em Administração, Supervisão e Orientação Educacional Pela Portal Faculdades; Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional pela Portal Faculdades. Integrante dos grupos de pesquisa: Improvisação docente no cenário da expansão da educação superior: o problema da identidade do professor, A formação do professor pesquisador da educação básica, ambos coordenados pelo Prof. PhD. Altair Alberto Fávero. Professora e Coordenadora Pedagógica dos Anos Iniciais do município de Passo Fundo/RS. Email: aldicianepazinato@yahoo.com.br

sempre foi detentora do saber. Possivelmente estas transformações causaram fortes impactos na sua constituição, estrutura e identidade. A expansão da Educação Superior, a partir do aumento elevado do número de matrículas, proliferação de instituições e cursos repercutiu na desestabilização da formação docente, desencadeando o fenômeno denominado “improvisação docente”.

O presente estudo visa investigar a crise da universidade devido às transformações ocorridas nos últimos anos, a precariedade que se deixou chegar a formação docente frente a esta situação e a necessidade de reestruturação da formação pedagógica do docente universitário. Frente a esta realidade, proponho a organização do trabalho em três partes que seguem: a transformação e os desafios da universidade no século XXI, a necessidade da formação docente para enfrentar os desafios da Educação Superior e, a formação continuada na Educação Superior.

## 1 A transformação e os desafios da universidade no século XXI

Santos (2004) evidencia a crise da identidade da universidade e diferencia claramente as crises pelas quais a mesma passa: a crise institucional, da hegemonia e da legitimidade. Define a crise da hegemonia como a descaracterização intelectual, científica e pedagógica quando passou a ser de “massas”, a dicotomia existente entre educação humanística (transmitir a alta cultura, formar o caráter) e formação profissional (repassar aptidões técnicas especializadas) e a redução de recursos financeiros para a investigação; a crise da legitimidade é a fragmentação do sistema universitário e a desvalorização da titulação. Por fim, a crise institucional é caracterizada como a redução do compromisso financeiro do Estado com este bem público que é a universidade e, conseqüentemente a sua autonomia, além da concorrência da universidade privada, fortemente financiada pelo Estado. Em decorrência disso, a universidade perde de certa forma a sua autoridade e poder, enquanto instituição promotora do conhecimento, perde professores, sente-se “abandonada” quanto ao suporte financeiro do Estado e, obrigada a se inserir e competir no setor privado; o que acentua o fenômeno do neoliberalismo, ocorrido em 1980 e, a transformação da universidade em mercado.

Esta crise da identidade da universidade nos faz refletir sobre alguns pontos relevantes, um deles é a questão da desestabilização desta instituição tão importante historicamente e, o outro repensar o verdadeiro papel da universidade, seus objetivos, missão, compromisso, acertos, erros e possibilidades de mudanças para melhorar. Buarque (2003, p.07) afirma que houve “[...] tremenda expansão das universidades particulares, financiada por recursos privados e por recursos públicos indiretos. É frequente que esses financiamentos estejam claramente vinculados a interesses econômicos [...]”. Neste sentido, Santos (2004, p. 17) identifica duas fases nesse processo de mercadorização universitária:

Na primeira, que vai do início da década de 1980 até meados da década de 1990, expande-se e consolida-se o mercado nacional universitário. Na segunda, ao lado do mercado nacional, emerge com grande pujança o mercado transnacional da

educação superior e universitária, o qual, a partir do final da década, é transformado em solução global dos problemas da educação por parte do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio. Ou seja, está em curso a globalização neoliberal da universidade.

Desta forma, a universidade transforma-se em capitalismo educacional, ou seja, empresa e mercado universitário. Se por um lado, reduziram-se os investimentos públicos na educação superior; por outro, aumentou a concorrência entre as empresas, o que intensificou a procura por inovação tecnológica e mão-de-obra altamente qualificada. O que repercute, na década de 90, com o crescimento do emprego com baixíssimo nível de qualificação, pois a universidade necessita encurtar o período de formação, torná-lo mais flexível e transversal, tornando-se objeto de concorrência no mercado e “pobre” culturalmente, adaptando-se às exigências do mercado. Além de tudo isso, Santos (2004, p.25) evidencia a transformação da universidade para o consumo, pois “[...] A eliminação da gratuidade do ensino universitário e a substituição de bolsas de estudo por empréstimos foram os instrumentos da transformação dos estudantes de cidadãos em consumidores. [...]”.

Nesta perspectiva, o Banco Mundial e o GATS (Acordo Geral para a Comercialização de Serviços), realizando acordos voluntários comerciais, apostam em ideias reformistas da educação, como por exemplo, a universidade deve dar conta da sociedade da informação e do conhecimento através das tecnologias da informação e da comunicação, substituindo o papel da universidade de instituição para o de empresa, fortalecendo a competitividade e favorecendo as privadas, pois estas se adaptam facilmente às normas e exigências dos interesses mercantis. Assim, esta pressão do privado sobre o público fragiliza a autonomia universitária, a pesquisa, a formação, a extensão e a liberdade acadêmica, a qual é vista pelo Banco Mundial, como a concessão do espaço da sala de aula e do docente às tecnologias pedagógicas *on line*, o ensino à distância.

Com o intuito de amenizar este “caos” do ensino superior público, Santos (2004, p. 55) identifica algumas ideias para uma reforma criativa, democrática e emancipatória:

[...] Globalização contra-hegemônica da universidade enquanto bem público significa especificamente o seguinte: as reformas nacionais da universidade pública devem refletir um projeto de país centrado em escolhas políticas que qualifiquem a inserção do país em contextos de produção e de distribuição de conhecimentos cada vez mais transnacionalizados e cada vez mais polarizados entre processos contraditórios de transnacionalização, a globalização neoliberal e a globalização contra-hegemônica. Este projeto de país tem de resultar de um amplo contrato político e social desdobrado em vários contratos setoriais, sendo um deles o contrato educacional e, dentro dele, o contrato da universidade como bem público. [...].

Para a universidade pública efetivar a reforma, necessita contar com a participação de alguns protagonistas, sendo ela mesma a primeira, reinventando a si mesma, depois o Estado e os cidadãos, individualmente ou coletivamente organizados. Fomentando o acesso à universidade,

a extensão, incentivo à pesquisa, cursos de graduação e pós-graduação em rede, a ecologia de saberes, o diálogo estreito entre universidade e escola pública, bolsas de estudo, o cuidado com o objetivo do financiamento das pesquisas pela indústria e, o comprometimento, responsabilidade social. Buarque (2003, p. 08) destaca cinco grandes eixos para que ocorra esta mudança universitária:

- a) voltar a ser a vanguarda crítica da produção do conhecimento;
- b) firmar-se, novamente, como capazes de assegurar o futuro de seus alunos;
- c) recuperar o papel de principal centro de distribuição do conhecimento;
- d) assumir compromisso e responsabilidade ética para com o futuro de uma humanidade sem exclusão; e
- e) reconhecer que a universidade não é uma instituição isolada, mas que ela faz parte de uma rede mundial.

O conhecimento é construído constantemente em um processo muito rápido, o qual avança ligeiramente e se modifica. Sendo que, nenhum aluno depois de diplomado está pronto para o restante da sua carreira profissional, este precisará atualizar-se permanentemente, reconstruindo conceitos e convicções que tinha como certas e imutáveis; da mesma forma, acontece com a universidade, o mundo globalizado avança, as informações se modificam; porém, esta instituição não está conseguindo acompanhar e se transformar, entrando e permanecendo em crise, deixando de ser útil cientificamente.

O diploma não é mais garantia de um futuro promissor para um jovem graduado, por um lado, pelo elevado número de diplomados e, por outro, pelo fato de a universidade não acompanhar as mudanças das informações, por não estar atualizada e a demora no processo da formação. Por isso, a atualização deste recém-formado necessita ser permanente, o contato com a universidade jamais poderá ser rompido; o que serve também, para o professor universitário que atua diariamente na formação deste aluno. Buarque (2003, p.16) acrescenta a este pensamento a ideia de que “[...] os professores universitários prestem novos concursos, em prazos que permitam demonstrar a atualidade de seu conhecimento [...]”.

Ao se tratar de avanços tecnológicos muito rápidos, acesso e transformação das informações instantaneamente, Buarque (2003) sugere alguns aspectos aos quais é exigência que a universidade se adapte ao momento histórico, como por exemplo, atualização constante das informações; reformulação dos currículos dos cursos; a escolha, por parte do aluno, do programa curso de interesse, disciplinas e professores; a exclusão do vestibular para ingressar na universidade; aulas somente à distância por meio de rádio, televisão ou internet, não precisando mais ter um local fixo e a presença do aluno e do professor neste; a criação de departamentos disciplinares, núcleos temáticos e núcleos culturais; unir todos os tipos de universidade a um sistema único de criação do saber e; não devem recusar os recursos financeiros seja de quem for público ou privado.

É urgente o reerguimento da universidade pública, necessitando de financiamento e incentivos sobre o papel que desempenha e sua autonomia, precisamos debater a respeito da instituição universitária e sua crise. É essencial que o conhecimento científico amplie seus

horizontes, tomando a pesquisa como fator primordial, que aumente a riqueza material e intelectual; igualdade e oportunidade a todos; envolvimento efetivo da sociedade, professores e alunos nas decisões da universidade. Como afirma Panizzi (2006, p.09) torna-se necessário “[...] pensar e construir, conjuntamente, uma nova universidade, uma universidade que goze de princípios de liberdade acadêmica e autonomia institucional, mas que saiba responder às exigências da sociedade neste novo tempo”.

Com a evolução do mercado de trabalho, paralelamente, crescem as mais diversas e novas profissões, nas diferentes áreas do conhecimento; o que, conseqüentemente, exige uma qualificada e boa formação, tanto geral quanto específica; sendo determinante no perfil do profissional. Quem é responsável por esta tarefa? A universidade. Sendo assim, a sociedade do conhecimento, que predomina os dias atuais, se apresenta muito mais complexa e veloz, pois as informações se disseminam rapidamente e também, se modificam ligeiramente; o que resulta em absorção coletiva e, não mais individual como acontecia há tempos atrás. Um exemplo concreto deste fato são os intercâmbios acadêmicos entre vários países, o qual é absolutamente importante para Panizzi (2006, p.26), pois “[...] tanto no sentido de atualizar professores e pesquisadores como de lhes proporcionar condições de diálogo e trabalho, visando à exploração das fronteiras do conhecimento”. Nesta relação de troca e cooperação todos ganham e aprendem, evidenciando a questão da pesquisa.

Porém, é necessário tomar cuidado e ter cautela para que a universidade não perca o privilégio de expedir títulos acadêmicos, cedendo a interesses de alguns ao realizar parcerias e acordos em prol da pesquisa, abrindo caminho para a competição entre estas instituições, tornando-a objeto a serviço da globalização, transformando a educação superior em comércio, o que redefine as exigências da formação acadêmica e produção do conhecimento. Nas palavras de Panizzi (2006, p.32), esta formação voltada ao mercado de trabalho:

[...] *delega* à universidade um papel de agente responsável pela *autorização* do exercício profissional. Essa atribuição é restritiva e mutiladora do papel da universidade. No momento em que ela assume essa tarefa de autorizar o exercício da profissão, sem dúvida, ela se engessa, se limita e, mais, se homogeneiza. Homogeneiza a si mesma – a universidade – e também o sistema educacional como um todo. (grifos da autora).

Observando sob a perspectiva de formação educacional, significa atribuir à universidade o privilégio de uma instituição “insubstituível” de aprendizagem contínua, permanente e agregadora, que desperte o “aprender” nos estudantes ao longo da vida, transformando-os em agentes pensantes e ativos do processo, competentes e atualizados, quanto aos conceitos científicos e tecnológicos. Desenvolver competências para conseguir posicionar-se criticamente frente a problemas complexos, como um profissional que toma decisões e, refletindo, posteriormente, sobre suas ações. Fazer com que este sujeito acadêmico pense sabiamente sobre o que a sociedade lhe põe aos olhos, que reaja criativamente, demonstrando competência e comprometimento. Para obter o sucesso, a universidade precisa querer mudar, rompendo e vencendo

obstáculos, deixando de fazer e repetir sempre a mesma coisa, dando respostas e mantendo a capacidade de questionamento, do rigor teórico, científico e metodológico; o que só ela é capaz de fazer.

## 2 A necessidade da formação docente para enfrentar os desafios da Educação Superior

Os docentes do Ensino Superior demonstram grande preocupação em “vencer” os programas dos cursos em suas aulas predominantemente expositivas, a maior parte do tempo, em sala de aula, é destinado a dominar conteúdos e transmitir informações. Espera-se que o aluno absorva e reproduza nas avaliações. Nesta perspectiva, percebe-se o quanto é considerado importante o professor altamente capacitado em sua área específica, técnica e fechada, mesmo que não tenha competência pedagógica e não considere que tipo de profissional deseja formar. Neste sentido, Masetto (2005) afirma que quando o processo de ensinar e aprender acontece desta forma o centro dominador é o professor, a ênfase é dada ao ensinar, pois este é o “dono” da situação e do saber, o aluno apenas deve receber e responder repetindo o que o professor deseja ouvir ou ler.

O autor citado propõe substituir a ênfase no ensino pela ênfase na aprendizagem, na qual o aluno desenvolverá a capacidade de pensar, raciocinar, refletir, analisar, buscar, criticar, argumentar, pesquisar e produzir conhecimento, dialogar com outras áreas, trabalhar em equipe, buscar a formação continuada e atuar como profissional baseado em valores de vida. Assim, os papéis dos sujeitos se invertem, agora o aluno é o centro, pois participa ativamente na construção da aprendizagem e, o professor passa a ser mediador pedagógico ou orientador. A organização curricular integra as disciplinas, sendo aberta, flexível, atualizada e interdisciplinar, relacionando teoria e prática, universidade e situações profissionais. Os professores são excelentes profissionais e pesquisadores, os quais entendem que a aprendizagem acontece em colaboração e em conjunto; a avaliação é vista como um auxiliador para melhorar a qualidade do ensino. Sousa (2005, p. 35) descreve sobre ensinar e aprender, “[...] aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e de agir, e ensinamos quando partilhamos com o outro, ou em grupo, a nossa experiência e os saberes que vamos acumulando [...]”.

Masetto (2005, p.85-88) sinaliza características da aprendizagem no ensino universitário:

1. A aprendizagem pressupõe, por parte do aluno, aquisição e domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas de forma crítica [...]
2. Integrar o processo ensino-aprendizagem com a atividade de pesquisa tanto do aluno como do professor [...]
3. Para que realmente aconteça, toda aprendizagem precisa ser significativa para o aprendiz, isto é, precisa envolvê-lo como pessoa, como um todo: ideias, inteligência, sentimentos, cultura, profissão, sociedade [...]
4. Porque coloca o aprendiz mais em contato com sua realidade profissional, em geral, a aprendizagem se realiza mais facilmente e com maior compreensão e retenção quando acontece nos vários ambientes profissionais, fora da sala de aula, do que nas aulas tradicionais [...]
5. Teoricamente, hoje há um consenso de que “aprender a aprender” é o papel mais importante de qualquer instituição educacional [...]

Para tanto, a aprendizagem na universidade é ter autonomia para selecionar as informações e utilizá-las da melhor maneira possível, em situações reais de aplicabilidade, desenvolver a capacidade de reflexão o que é fundamental, valorizar e buscar a formação continuada como alternativa de aprimoramento, integrar a formação acadêmica à pesquisa e à investigação constante, produzindo bons trabalhos, partir das experiências do aluno e motivá-lo a novas aprendizagens, colocá-lo constantemente em contato com a realidade profissional. A aula é o local e o tempo, no qual professor e aluno aprendem interagindo, através das mais variadas atividades. Porém, a aula universitária não acontece apenas em sala de aula, mas nos mais diversificados espaços, por exemplo, laboratórios, seminários, congressos, empresas, hospitais,....; o que caracteriza a aprendizagem significativa, pois fortalece a relação da teoria com a prática, fomentando a constituição de um profissional ativo e reflexivo.

Sousa (2005, p.53) considera que “[...] uma crise na educação que deve ser superada pela renovação curricular e pela reformulação dos métodos de ensino”. Masetto (2005) acrescenta a este pensamento, alguns exemplos de como trabalhar visando o paradigma da aprendizagem em aulas universitárias. Primeiramente, orientar que o trabalho acontecerá em equipe, parceria entre professor e aluno, socialização do grupo e diálogo sobre a disciplina, com a técnica “tempestade de ideias” sobre a disciplina a partir da escrita e, também, do desenho. Frente à apresentação dos alunos, o professor inicia a explicação sobre a disciplina, objetivos, conteúdos, relações, estratégias, sua importância, bibliografia, avaliação,.... Outro exemplo, que o autor frisa, é a apresentação de uma situação problema para que os alunos encontrem possíveis respostas, individual ou em grupo, com a indicação de fontes pelo professor. Após a coleta, as informações são socializadas com o grupo e, estes fazem uma síntese das possíveis e diversas soluções encontradas.

A terceira alternativa sugerida faz referência à importância da leitura prévia em casa, pois na aula será desenvolvida uma atividade diferenciada (resumo, responder questões, elaborar perguntas, encontrar argumentos para a tese defendida, resolver um caso) com este material produzido fora da sala de aula. Outro exemplo é a utilização da aula expositiva como uma técnica, apenas para dar início a um assunto ou fazer uma síntese de algo já estudado, não ultrapassando vinte ou trinta minutos e, ainda, com o auxílio de slides, filmes, retroprojetor, apresentação de casos, etc. Este elemento Sousa (2005, p. 51) denomina de “organizadores prévios”, pois é uma referência para o aluno integrar um novo conhecimento.

O quinto exemplo evidencia as técnicas de dinâmicas de grupo, as quais possibilitam aprender na relação com o outro e em colaboração, podem ser seminários, excursões, grupo de observação e grupo de verbalização, painel integrado, grupos de oposição, pequenos grupos para formular questões e projetos. Outro exemplo sugerido pelo autor se refere à mídia eletrônica e seus diversos recursos, tornando a aprendizagem mais motivadora e envolvente, pois facilita a pesquisa, a comunicação e o trabalho em equipe.

O sétimo ponto, considerado fundamental, é a utilização de situações reais de atuação profissional, integrando universidade e sociedade, o aluno sente-se interessado em buscar, estudar e pesquisar soluções para resolver problemas em seu trabalho. O último exemplo eviden-

ciado pelo autor faz referência à avaliação, a qual coleta informações sobre o trabalho desenvolvido, tanto sobre o professor quanto sobre o aluno, diagnosticando o que estão aprendendo, as dificuldades que estão apresentando e o que precisa ser melhorado, incentivando todos os envolvidos.

Sousa (2005) destaca que é necessário fazer com que o aluno descubra, podendo ser a partir de dúvidas, perguntas que o leve a investigar, procurar hipóteses e soluções com base nos conhecimentos já construídos, aumentando o seu nível de compreensão, eliminando a concepção de recepção e memorização, permitindo a produção autônoma. Cabe ao professor estar atento a este sujeito, mediando os saberes.

### 3 A formação continuada na Educação Superior

O ensino da Educação Superior caracteriza a formação de um futuro profissional academicamente e humanamente, o que significa a constituição de um profissional especializado, capacitado e preparado enquanto cidadão crítico para atuar, compreender, refletir e participar ativamente na sociedade em que vivemos. Frente a todas as transformações ocorridas ao longo do tempo, obrigou-se a universidade a repensar a sua identidade, autonomia, organização e função enquanto instituição produtora do conhecimento, local de ensino, pesquisa e extensão. Diversas funções que eram concebidas a esta historicamente, foram substituídas por outras, resultantes das tantas mudanças na sociedade e interesses, o que era para ser considerado um bem público passou a ser bem econômico, de um espaço seletivo, tornou-se um lugar comum acessível a todos, os princípios acadêmicos e humanos deram lugar à prestação de serviços, para melhor competir no mercado de trabalho.

Notadamente, o aumento elevado do número de matrículas e a proliferação das instituições de Ensino Superior contribuíram para a expansão da Educação Superior, o que ocasionou a heterogeneidade dos alunos em salas de aulas lotadas, em diversos aspectos, em níveis de aprendizagem, de interesses, de motivação, financeiros, de perfil,... Paralelamente a este crescimento da quantidade de alunos cresce também o número de professores contratados para atuar na formação destes em seus cursos de escolha, resultando no fenômeno denominado “improvisação docente”, ou seja, diplomados que se tornam professores sem as mínimas condições pedagógicas. Porém, este fenômeno só poderá ser controlado e amenizado com projetos de formação docente bem planejados e eficientes, que aconteçam realmente nas universidades.

Estes profissionais, de várias áreas do conhecimento, que se tornam professores, muitas vezes, aceitam a proposta como um emprego temporário, apenas para ingressar no mercado de trabalho, então, exercem a profissão de forma improvisada, relembrando e repetindo como seus antigos professores lhes ensinavam ou, ainda, testam técnicas e dinâmicas aleatoriamente para “dar aula”. Behrens (2008) divide esses professores em quatro grupos: a) os profissionais de várias áreas do conhecimento que se dedicam à docência em tempo integral; b) os profissionais que atuam no mercado de trabalho específico e se dedicam ao magistério algumas horas por semana; c) os profissionais docentes da área pedagógica e das licenciaturas que atuam na



universidade e, paralelamente, no ensino básico; d) os profissionais da área da educação e das licenciaturas que atuam em tempo integral na universidade.

Analisando os grupos identificados pela autora, é possível verificar a multiplicidade de realidades, pois no grupo (a) temos a vantagem da disponibilidade do tempo integral para se dedicar ao trabalho, porém, este professor não possui experiência prática e nem formação pedagógica. Quanto ao grupo (b), entende-se a docência como um trabalho “extra” financeiramente, pois o que ganha destaque é a profissão que atua maior parte do tempo e ser professor é um exercício complementar, o que não lhe exige continuação de estudos, envolvimento com a instituição e formação pedagógica. O grupo (c) observando no geral teria vantagem sobre os demais, pois possuem a formação pedagógica e atuam diretamente na prática; no entanto, mesmo assim fazem acontecer a “improvisação docente” devido a elevada jornada de trabalho, não dá tempo para planejar de acordo, investigar e problematizar a prática pedagógica. O grupo (d) possui o mesmo aspecto do grupo (a), não tendo propriedade para dialogar sobre a prática, onde nunca atuou.

Ser professor é uma tarefa complexa e difícil, que exige responsabilidade e comprometimento, por isso requer formação pedagógica, conhecimento, criatividade, criticidade, sabedoria, competência, disponibilidade e disposição. A preocupação com a formação pedagógica é visível; logo, é urgente a prática de ações que movimentem esse processo no sentido investir em formação docente e contribuir com experiências profissionais adequadas. A qualidade da educação está ameaçada quando nos referimos à “improvisação docente” e quando transformamos a universidade em “empresa”, na qual a educação é vista como “mercadoria” a ser comercializada, o cenário envolvido não é mais garantia de qualidade no Ensino Superior e sim, ingressar e permanecer no mercado de trabalho competitivo servindo aos interesses deste.

A formação pedagógica do docente universitário caracteriza a prática reflexiva, na qual o sujeito investiga sobre a sua atuação, pensando sobre e agindo com o objetivo de melhorar a qualidade, buscando alternativas para acertar e reconstruindo certezas, oportunizando a aprendizagem em conjunto entre docente e discente, neste processo recíproco ambos aprendem e refletem a respeito de suas ações. Desta forma, a própria prática torna-se conteúdo do processo formativo, desafiando, problematizando e mobilizando os envolvidos para a investigação e a pesquisa. Formação docente não são cursos, palestras e seminários isolados, mas o estudo e a análise da prática dos professores. Sobre isso Veiga (2006, p.90) ressalta:

Formar professores universitários implica compreender a importância do papel da docência, propiciando uma profundidade científico-pedagógica que os capacite a enfrentar questões fundamentais da universidade como instituição social que reflete as ideias de formação, reflexão, crítica.

Investigar a própria prática é refletir sobre a ação com a intenção de transformá-la, revelando uma maneira de construir novos conhecimentos. A investigação possibilita diagnosticar situações, problemas e desenvolver hipóteses de solução, estabelecer metas, valores e princípios. Esse caráter de descoberta no contexto educacional beneficia o professor ao implementar

mudanças de melhoria e, este assume o papel de “ator” participativo e responsável. Assim, a formação do professor universitário é definida como uma prática autônoma e reflexiva, tanto individual, quanto coletiva.

A investigação da prática pedagógica envolve planejamento, no sentido de atuar de forma mais eficaz e adequada, a ação é sempre observada, fornecendo os dados para o processo de reflexão. Desta forma, refletimos, inovamos e sabemos por que precisamos mudar. Considerar o que o aluno sabe e, partindo desse pressuposto fazer relações, construindo novos conhecimentos, tornando a aprendizagem significativa; fazer com que o aluno seja o autor da sua aprendizagem; utilizar a descoberta e a pesquisa como princípios; motivá-lo; favorecer a interação; redefinir o papel do professor para facilitador e mediador.

### **Considerações Finais**

Este artigo pretendeu analisar as contribuições da formação continuada no Ensino Superior, como alternativa de melhoria da qualidade da educação brasileira. A partir das leituras e estudos realizados no Grupo de Pesquisa verifica-se que há educadores preocupados com a situação da formação docente permanente no Brasil e, estes buscam alternativas para transformar o cenário que se apresenta. De acordo com os pressupostos discutidos no grupo e apresentados neste trabalho, evidencia-se a universidade como um bem público em crise enquanto instituição, o que “abalou” a sua identidade como produtora de conhecimento em excelência, em decorrência do neoliberalismo, observa-se a transformação da universidade em mercado, empresa, desviando os rumos da Educação Superior, a qual passa a ser considerada mercadoria desencadeadora de lucro a curto prazo, sem a mínima preocupação com a qualidade da formação destes futuros profissionais.

Outro aspecto relevante em relação à mercadorização do Ensino Superior é fragilização da pesquisa e da extensão, pois por um lado torna-se de alto custo para quem almeja lucro; por outro, quando realizada deve visar aos interesses do mercado. Além de, o Estado “abandonar” de certa forma a universidade deixando de investir, ainda, destina seus recursos para as instituições privadas, fortalecendo estas e a concorrência entre elas no mercado econômico.

Com o avanço acelerado da Educação Superior, instituições, vagas, cursos e alunos, aumenta também, a demanda por docentes, o que ocasiona a “improvisação docente”, pois a universidade obriga-se a contratar muitos professores para dar conta da clientela; porém, mesmo tendo titulação, esta não está de acordo, pois não contempla a formação pedagógica, a qual é de fundamental importância para a atuação de docentes.

Nesta perspectiva, é visível a contribuição da formação continuada para o docente do Ensino Superior no sentido de viabilizar a prática reflexiva, oportunizando a reflexão sobre a sua atuação enquanto profissional responsável e comprometido, o replanejamento adequando às necessidades visualizadas e, a avaliação do trabalho com o propósito de diagnosticar mudanças para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Além de proporcionar a participação,

o diálogo coletivo entre os colegas, o estudo, a investigação, a pesquisa, o aprimoramento, a troca de experiências e opiniões e, o compartilhamento de sugestões.

## Referências

- BEHRENS, Maria A. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, Marcos (Org.). *Docência na universidade*. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008, p. 57-68.
- BUARQUE, Cristovam. A universidade numa encruzilhada. In: SEMINÁRIO UNIVERSIDADE: POR QUE E COMO REFORMAR. 6-7., ago. 2003, Brasília. Anais A Universidade na encruzilhada. Seminário Universidade: por que e como reformar. Brasília, 2003, p. 23-65.
- MASETTO, Marcos. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (Orgs.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Mackenzie, 2005, p. 79-108.
- PANIZZI, Wrana Maria. *Universidade para quê?* Porto Alegre: Livretos, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOUSA, Óscar de. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (Orgs.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Mackenzie, 2005, p. 35-60.
- VEIGA, Ilma P. A. Docência universitária na educação superior. In: RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI, Palmira (Orgs.). *Docência na Educação Superior*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 85-96.

